

CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DA MEMÓRIA NA REGIÃO DEMARCADA DO DOURO

NARRATIVAS ORAIS DE ANTIGOS TRABALHADORES DA QUINTA DOS CANAIS

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE*

Resumo: Este artigo apresenta alguns materiais e reflexões obtidas num processo de investigação sócio-histórica sobre uma quinta do Douro, a Quinta dos Canais, com recurso a fontes directas compiladas no âmbito de um estudo de caso alargado sobre Carrazeda de Ansiães, produtor de Vinho do Porto, concelho de fronteira na Região Demarcada do Douro. Com base em testemunhos e narrativas, reflecte-se sobre os conceitos de identidade conjuntural/contextual, história oral e memória histórica, fontes e representações sociais, para a interpretação de sentidos e significados múltiplos das condições materiais de vida e de trabalho na quinta e a mudança social, num presente-passado. Os actores sociais tornam-se sujeitos de memória social e histórica, história vivida e territórios identitários que se inscrevem na quinta por modos específicos do fazer história.

Palavras-chave: Memórias; quinta do Douro; mundo rural; identidades.

Abstract: This article presents some ideas and materials obtained from a socio-historical study on a farm of the Douro Region, Quinta dos Canais, using direct sources compiled during an extended case study on Carrazeda de Ansiães, a Port wine producer and a border county in the Douro Demarcated Region. Based on testimonies and narratives, the concepts of cyclical/contextual identity, historical memory and oral history, sources and social representations, are explored in this study, as a means to interpret the multiple meanings of the material conditions of life and work on a Douro farm and social change in a present-past. The social actors become subjects of the social and historical memory, of living history and territories of identity which are inscribed in the quinta by specific ways of making history.

Keywords: Memories; Douro quinta; countryside; identities.

INTRODUÇÃO

Não nos devemos jamais esquecer que tudo começa pelo testemunho, e não pelos arquivos, e que, seja o que for que possa faltar à sua fiabilidade, não dispomos, em última análise, de nada melhor do que o próprio testemunho para asseverar que alguma coisa se passou, ... face ao que, para além do recurso a outro tipo de documentos, nos resta sempre a confrontação entre diferentes testemunhos¹.

Esta perspectiva de Ricoeur assume relevância operatória neste estudo, cujo objecto central consiste na reconstituição e análise de materiais de memória da Quinta dos Canais, a maior quinta produtora de Vinho do Porto, no concelho de Carrazeda. A investigação que lhe subjaz enquadra-se num estudo de caso alargado sobre Carrazeda enquanto concelho produtor de Vinho do Porto, na fronteira da sub-região do Cima Corgo e a do Douro Superior, e parte integrante da Região Demarcada do Douro e do Douro Património Mundial.

* Investigadora do CITCEM e docente da Universidade Lusófona do Porto.

¹ RICOEUR, Paul – *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000, p. 182.

São objectivos do presente artigo:

- Reconstituir uma dimensão de história oral dessa quinta duriense através de testemunhos e narrativas sobre as condições de vida e de trabalho, colhidas em entrevistas semi-directivas, realizadas na quinta e numa das aldeias mais próximas, Lavandeira, que lhe forneceu, ao longo do século XX, o essencial da mão de obra, em actividade regular ou sazonal, situação que ainda hoje se verifica, através das redes familiares de trabalhadores permanentes da Quinta, agentes informais de angariação de mão de obra sazonal no seio das populações a que pertencem.
- Analisar os resultados do trabalho de campo realizado nos dois últimos anos, sobre os Canais, interpretando registos e materiais de memórias, experiências, trajetórias e histórias de vida e de trabalho de populações anónimas, tornados fontes de história rural contemporânea e estratos de um património (i)material e cultural a preservar.

A micro-história desta unidade vitivinícola permite reconfigurar espaços-tempos específicos em que se revive o passado recente, reconstruindo-lhe uma história vivida feita de recordações e esquecimentos, através de trajectos biográficos corporizados em equipamentos habitacionais, objectos, artefactos e ferramentas de trabalho, contribuindo, pela instância da memória, para a apreensão de identidades singulares que se produzem e (re)negociam, social e historicamente, por referência estreita a expectativas de vida e experiências de trabalho.

Vai-se progredindo na análise que se orienta por uma leitura dos vários tempos incrustados em materiais de memória e processos de construção identitária, através de três rubricas centrais: uma primeira de ordem metodológica e conceptual da pesquisa social de testemunhos e história oral, uma segunda de natureza analítico-descritiva da Quinta empresa vitivinícola e microcosmo social, mediante a apresentação interpretativa de fragmentos de narrativas e memórias para, finalmente, se proceder à análise numa perspectiva sócio-histórica da Quinta dos Canais (anos 1920-2010) em que se mobilizam dados do estudo empírico à luz da sociologia histórica, quadro teórico adoptado.

1. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E METODOLÓGICO

Partindo de nossa experiência e investigação anterior em que, parcialmente, se mobilizou a história oral², problematizamos a produção, pesquisa e análise de materiais de memória na sua relação com a construção de «identidades conjunturais», contextuais ou relacionais que (des)aparecem, em função de interesses circunstanciais, evidenciando factores

² Cfr. LAGE, Maria Otília Pereira – *Comunidade e Fábrica: Na linha de fronteira tradição/ inovação. Um caso no modo de industrialização portuguesa*. Braga: UM-ICS, 1995. Tese de mestrado, policopiada; LAGE, Maria Otília Pereira – *Wolfram=Volfrâmio: Terra revolvida, memória revolta. Para uma análise transversal da sociedade portuguesa (1930-1960)*. Guimarães: UM-NEPS, 2002.

comuns, neste caso, à Região do Douro. Referimo-nos, aqui a uma base de identificação com vivências do trabalho, expressão da força subterrânea de uma produção identitária com forte componente social e socializadora ligada a dificuldades comuns experienciadas por jornaleiros e pequenos proprietários, base social determinante da produção do Vinho do Porto, num concelho em que a proporção de quintas e propriedades de grandes e médios proprietários é muito inferior à grande maioria de pequenos lavradores que não possuem em média, mais de 0,5 ha de vinhedos não voltados directamente para a agricultura comercial.

A análise desta realidade sócio-histórica tem de ser polarizada socialmente, pelo que optamos por uma perspectiva transdisciplinar não unilinear e capaz de operar uma transdução de alguns princípios da Teoria Actor-Rede, método de pesquisa científica, segundo o qual as regiões são constituídas por redes e o regionalismo um mundo de áreas com suas próprias regras topológicas. Assim, identidades e subjectividades são entendidas como conceitos muito próximos da noção de translação, processo em que a identidade é (re)negociada dentro de redes heterogêneas, pelo que o estudo da formação da identidade dos indivíduos, é feito em função de diferentes papéis que podem assumir em seus interesses e aspirações.

Este entendimento, que se relaciona com outra dimensão da problemática das identidades, ligada às tradições e territorialidades diferenciadas e ao conceito de fronteira, como espaço de interacção cultural com tendências contraditórias que se complementam, permite mapear analiticamente a heterogeneidade dinâmica das zonas de contacto que dividem e unem indivíduos e grupos, na interacção do local, através do trabalho e inter-relações entre quinta e comunidade populacional envolvente.

1.1. TESTEMUNHO E HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIAS E IDENTIDADES

Sem ignorar o debate travado na historiografia sobre testemunhos orais, abordam-se, num registo reflexivo, as potencialidades e limites dos discursos da história e da memória, que, mediante representações, criam imaginários de sentido e significados múltiplos e possibilitam reconfigurar o passado. A memória, matéria principal da história³, ao construir laços de pertença ao passado posiciona-se de modo análogo e patrimonializa as lembranças, levando os grupos à coesão social e a uma comunidade simbólica de sentido partilhada. Evoca actividades de referência imaginária que situam os indivíduos no mundo, gerando em tal processo, identidades construídas e não falsas.

Neste plano se situa a história oral, instância de registo e resgate de memórias, testemunhos, depoimentos e outros textos e fontes, domínio recente da história que evoca espaciotemporalidades e experiências do vivido⁴. Os discursos da história e da memória são portadores de uma «verdade do acontecido e do vivido» de uma autoridade

³ HALBWACHS, Maurice – *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994 e NORA, Pierre – *Les lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína – *Usos e Abusos da História Oral*. Rio Janeiro: FGV, 2002.

do passado, de representações e produção de sentidos que o historiador interpreta a partir da enunciação de seus autores, num processo que supõe a instância da sua recepção em redes de conexões vastas que por sua vez recriam intertextualmente os discursos materializados nos textos⁵.

No complexo e fluído processo de construção identitária, a relação com o passado e configuração de memórias é um elemento central. Comunidades e indivíduos ao construir as suas narrativas de auto-definição, produzem sentidos diversificados de pertença, identificação e exclusão, em função de fronteiras...; «a noção de identidade depende da ideia de memória e vice-versa. O sentido essencial de qualquer identidade... é sustentado pela recordação...» (GILLIS, 1994: 4).

Assim, a produção identitária pode ser vista como uma filiação simbólica que demarca os que ficam de um ou de outro lado de uma fronteira imaginária percebida a partir do que vivemos e/ou nos foi transmitido.

1.2. IDENTIDADES CONJUNTURAI/CONTEXTUAIS E «IDENTIDADE REGIONAL»⁶

A reconstituição micro-histórica de uma quinta duriense paradigmática como esta, é aqui composta de um *dossier* denso de narrativas, testemunhos e memória enquanto «...instância construtora e solidificadora de identidades...»⁷ que permite retrair o local como instância de articulação de escalas, em que se ancora uma abordagem sócio-histórica multiperspectivada, capaz de apreender a complexidade desse microcosmo, permitindo dilucidar algumas problemáticas pertinentes na complexa sócio-história do «Vinho do Porto» produto de exportação de significado na cadeia das mercadorias.

A articulação das identidades com a questão da territorialidade implica o conceito de interação dos membros de grupos, designadamente em ambientes institucionais, cujo funcionamento evidencia dificuldades várias desde as ambiguidades das leis sobre o Douro, geradoras de conflitos e emergência de construções identitárias. Neste horizonte mais vasto de referência/pertença, tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente, identidades individuais e sociais por mecanismos de identificação a dois níveis: produção de identidades concorrentes – identidade local e regional – que coexistem sem se anular; e consolidação da identidade social, pelo acesso a um mercado de trabalho na quinta por contraposição ao trabalho no planalto, dualidade que condiciona a vida das populações das aldeias vinhateiras do concelho de Carrazeda. Este, na sua posição de fronteira entre duas sub-regiões da RDD e, em si próprio, composto de áreas distintas: a frieira e a ribeira, entre as quais se movimentam, sazonalmente, as populações rurais, surge-nos no

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy – *Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do pasado*. «Nuevo Mundo Mundos Nuevos», Debates, 2006. [On line]. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/1499>>. [Consulta realizada em 8 de Abril de 2011]. CRUZEIRO, Maria Manuela – «Pela História Oral». *Passado/Presente: a construção da memória no período contemporâneo*. Disponível em <<http://ppresente.wordpress.com/textos/pela-historia-oral/>>. [Consulta realizada em 8 de Abril de 2011].

⁶ PEREIRA, Gaspar Martins – *A produção de um espaço regional: o Alto Douro no tempo da filoxera*. «Revista da Faculdade de Letras – História», II série, 1989, vol. VI. Porto: FLUP, p. 332.

⁷ CATROGA, Fernando – *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 55.

plano das identidades, num quadro de diferenciação/identificação que são as relações de trabalho⁸ e mobilidades, em que os mais afastados das instituições do poder político se identificam com as pertenças locais/regionais. Idêntica posição de fronteira se pode verificar em relação à Quinta e sua envolvimento rural populacional.

Neste contexto, em constante refiguração, constroem-se «identidades conjunturais, contextuais e relacionais», num processo cambiante, construído, plural e relacional, as quais (des)aparecem em função de interesses circunstanciais, evidenciando factores comuns à Região. As identidades são conjunturais e não essenciais (CLIFFORD), como evidencia o relato do actual caseiro⁹ ao enfatizar a relação de maior proximidade entre o pessoal da quinta e representantes da actual firma proprietária, por contraste com os anteriores representantes da empresa exportadora de Vinho do Porto, com ligações bem mais antigas à quinta.

Essa localização na fronteira possibilita a análise de processos utilizados para recriar a Região, entre e além de suas várias fronteiras. O que é perfeitamente perceptível nas representações sociais da quinta, em diacronia.

A especificidade do nosso objecto mais amplo de estudo reside então no que pode dar a perceber da tensão que se estabelece entre o estudo da Quinta dos Canais como objecto de fronteira e a sua relação com o espaço histórico convencionalmente demarcado que a quinta sempre bordejou. Ainda o Douro Superior não estava integrado na RDD e já a Quinta dos Canais era referenciada na «Carta Douro Português e Paíz Adjacente» de 1848, onde aparece como uma das únicas 4 quintas assinaladas na margem Norte do Douro Superior¹⁰.

2. A QUINTA DOS CANAIS: EMPRESA VITIVINÍCOLA E MICROCOSMO SOCIAL

O estudo descritivo das quintas durienses centra-se em torno de três eixos definidores da mesma enquanto entidade socioeconómica: construções, produção e pessoal¹¹.

Esta Quinta, uma das maiores do Douro Superior, perto do histórico Cachão da Valeira, na margem norte do rio, constituiu-se como propriedade única, com a actual configuração territorial, na viragem do século XIX para o século XX, através da integração de 5 antigas quintas: Síbio ou Forneiras, junto ao rio, referida no mapa do Barão de Forrester (1852), Carvalho, Mariz de Cima e de Baixo, Alexandre, e Samorinha, a que se juntou, ao longo do século XX, a compra de pequenos casais e as mudanças sucessivas de confrontações.

Com cerca de 300 ha, em 1989, actualmente «é a maior quinta do Douro do concelho de Carraceda... com 100 ha de vinha... quase toda nova... e produz 500 pipas de vinho

⁸ PARKHURST, Shawn – *Identidade e contextos de identificação regional na zona do Vinho do Porto*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, CES, 16 a 18 de Setembro de 2004.

⁹ Entrevista a Sr. O., em Agosto de 2010, realizada na Quinta dos Canais.

¹⁰ PEREIRA, Gaspar Martins (coord.) – *História do Douro e do Vinho do Porto: Crise e Reconstrução. O Douro e o Vinho do Porto no séc. XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 2010, vol. IV, p. 33.

¹¹ Cfr. LIDDELL, Alex; PRICE, Janet, phot. – *Port Wine Quintas of the Douro*. Lisboa: Quetzal Editores, 1992. Ver também LAGE, Maria Otília Pereira – ob. cit.

generoso por ano»¹². Possui água em abundância de 5 nascentes existentes na propriedade e de uma queda de água do ribeiro do Síbio, que a atravessa na longitudinal, manancial drenado para rega, através de 1 km de canais construídos no lado norte da Quinta e que lhe terá dado o nome, o que lhe confere memorável individualidade entre as quintas do Alto Douro Vinhateiro de que é considerada uma das quintas mais singulares e inesquecíveis¹³.

Significativo exemplar do Alto Douro Vinhateiro, a Quinta dos Canais, propriedade vitivinícola, com uma história, valor patrimonial e posição destacada dos seus vinhos na produção e mercado do Vinho do Porto, é um caso paradigmático do valioso património que são as quintas do Douro. Desde logo, pela amostragem que a sua história, ao nível da sucessiva mudança de mãos¹⁴, permite compreender, na vertente política e económica, da história nacional, desde o século XIX até à actualidade.

Outras dimensões em que é representativa das quintas durienses é a da intensa concentração, visível na sua constituição, e na mobilidade da propriedade que passa de proprietários individuais a firmas exportadoras de Vinho do Porto.

É ainda evidente a sua representatividade, à escala local e regional, quer na estrutura, ambiência e dinâmica funcional, quer ao nível das construções, produção e condições de vida e de trabalho do pessoal. Estas dimensões que a caracterizam, configuram o essencial do processo polimórfico de construção social e histórica desta entidade vitivinícola, que na Primeira República ganhou nova dimensão como fenómeno económico, social e cultural¹⁵.

A Quinta dispõe hoje de um corpo de pessoal fixo (engenheiro, caseiro, trabalhadores rurais, tractorista, motorista) de 18 pessoas e 3 funcionários do quadro que aí vivem permanentemente e continua a contratar para trabalhos sazonais como as vindimas e a apanha da azeitona, trabalhadores locais sobretudo das aldeias mais próximas da Beira Grande, Lavandeira, Marzagão e Selores, recrutados através de redes familiares a partir dos trabalhadores fixos¹⁶. A estes recursos humanos alocados às necessidades locais do cultivo e produção, com uma situação económico-social distinta da dos trabalhadores de há 50/60 anos, soma-se o *staff* da empresa em Gaia que se ocupa dos determinantes aspectos da dinâmica mercantil da quinta, designadamente os relativos ao transporte, exportação e comercialização dos vinhos.

2.1. MICROCOSMO SOCIAL EM MEIO RURAL: MEMÓRIAS E MATERIAIS DE MEMÓRIA

Para além de uma topografia fotográfica construída sobre a quinta: terrenos, produção, edifícios e construções, tecnologias de viticultura e vinificação, objectos e artefactos de

¹² Entrevista ao engenheiro C. responsável da Quinta, realizada em Maio de 2010.

¹³ LIDDELL, Alex; PRICE, Janet, phot. – *Port Wine Quintas of the Douro*. Lisboa: Quetzal Editores, 1992, p. 163.

¹⁴ Conclusões retiradas do estudo e descrição historiográfica da Quinta dos Canais in LAGE, Maria Otília Pereira – *A Quinta dos Canais, no Douro Património Mundial*. Comunicação ao I Encontro do CITCEM. Guimarães, CITCEM/UM, Novembro 2010.

¹⁵ MONTEIRO, Manuel – *O Douro: principais quintas, navegação, culturas, paisagens e costumes*. Porto: Emílio Biel & C.ª, E., 1911, p. 15-16.

¹⁶ Entrevista a Eng. C., responsável da Quinta, Maio de 2010.

produção e domésticos, aqui apenas evocada – o nosso estudo empírico desenvolveu-se junto de um subuniverso de homens e mulheres, de idades e situações socioprofissionais diversificadas. Esses actores sociais estiveram ou ainda estão implicados em experiências vividas individualmente ou em grupo, no processo de granjeio e produção da Quinta dos Canais que, por esta via, se reconstitui como microcosmo social, por aí também procurando pistas de análise da sociedade rural envolvente.

O estudo desse complexo processo exige que, para além das actividades desenvolvidas pela Quinta, se suponha o que a transborda, mas com ela mantém intrincada relação, como a actividade de exportação e se analise o trabalho das populações nela envolvidas. Excluir esse trabalho corresponderia a privar-nos de um tipo de fontes imprescindíveis à compreensão do objecto, na sua complexidade. A análise circunscrever-se-ia a uma «economia restrita», tendo como consequência impedir o acesso à «economia geral» da quinta, quadro absolutamente necessário para dar conta da movimentação social que teve nela o seu dínamo local/regional/nacional.

Cruzando pontos de vista do historiador com indagações sociológicas, trabalha-se um material heterogéneo (entrevistas informais, sujeitas a guiões prévios mas de adaptação contingencial, testemunhos, histórias de vida e observações fragmentárias), contextualizado no passado/presente. Esta opção metodológica serve não tanto para fabricar um tecido de provas, mas, sobretudo para pôr em acção o entrelaçar de redes de identidades, interações, estratégias e estruturas diversas, organização e mudança social, indivíduos, sociedade e relações recíprocas, com audácia e imaginação exigidas pelo trabalho de terreno sobre objectos históricos, «sem deixar de fazer surgir a evidência do documento e experimentar pesquisas originais».

Esta forma de *conhecimento situado* construído na mobilização de uma rede de actores, abre, por sua vez, múltiplas potencialidades para outras linhas de pesquisa designadamente no âmbito dos estudos rurais contemporâneos¹⁷.

O acervo de narrativas, parte significativa da infraestrutura informacional mobilizada, permite traçar uma cartografia¹⁸ de representações sociais da vida e do trabalho na Quinta, assente num «arquivo de palavras» construído, mediante procedimentos e princípios da etnometodologia e do interaccionismo simbólico, sobre o registo áudio e escrito de testemunhos orais em vias de extinguir-se.

Sete mapas, todos de grande escala (porque representam uma área circunscrita, a propriedade rural, realidade pouco reduzida e com bastantes pormenores), compõem a cartografia das representações sociais e colectivas da Quinta dos Canais e do contexto local de inserção. Esta cartografia construída sobre «configurações e reportórios»,

¹⁷ LAGE, Maria Otilia Pereira – *A Quinta dos Canais na Região Demarcada do Douro*. Comunicação ao Encontro RuralRePort (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Ed. ID, S. Multiusos 2, 6 e 7 de Maio 2011).

¹⁸ Sobre a linguagem cartográfica sociológica que releva noções como espaço-tempo, escala, simbologia, projecção e cuja tradução livre e esquemática se operou, veja-se por exemplo, SANTOS, Boaventura Sousa – *Uma cartografia simbólica das representações sociais...* «Revista Crítica das Ciências Sociais». 24 (1988), p. 193-172; Nunes, João Arriscado – *Erving Goffman, A Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana*. «Revista Crítica das Ciências Sociais». 37 (1993).

reconfigurando espaços-tempos, saberes e memórias, dá a ver, por entre uma multiplicidade de práticas, experiências e protagonismos, a pluralidade de significados do objecto sócio-histórico Quinta dos Canais, também por este meio esta se revelando enquanto «objecto de fronteira» local.

Evidencia-se quer a representação local da Quinta dos Canais nos seus diversos tempos e modos de designação, diferentes e sucessivas produções (olival/vinho) por que se tornou familiar das populações envolvidas, diferentes confrontações e mobilidades, quer a sua representação geral nas modalidades de sua apropriação cognitiva e sócio-histórica, assim se mapeando, na linha descontínua da grande escala, os trabalhos agrícolas e rurais d(n)a quinta, os comportamentos sociais diferenciados, as vivências e recordações de miséria ou alegria, as estratégias de adaptação e as memórias individuais, familiares, ou de grupo. Deste modo se torna «completa», para os efeitos pretendidos, a representação social da Quinta que nas suas componentes básicas se analisa, através de «nossos pontos de vista».

Com este modelo de análise¹⁹ procede-se ao estudo da designada «metamemória, conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu... e que acentua as características inerentes à chamada memória colectiva e histórica»²⁰.

2.2. CARTOGRAFIA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

*a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais) em permanente construção devido ...às consequentes alterações ocorridas no campo das representações do presente*²¹.

Com base no pressuposto de que o bom discurso de história é performativo, ou seja, toma o lugar do passado, substituindo-se a ele, e faz acreditar porque faz o que diz, pomos em acto trajectórias de vida, estratégias e memórias do trabalho (*pessoais, familiares, grupais*) e das condições de vida dos trabalhadores, acomodações, salários e alimentação, na Quinta dos Canais em diferentes momentos históricos, coincidentes com quatro etapas definidas em função dos sucessivos proprietários da quinta, ao longo do século XX, conforme se evidencia na diversidade de narrativas/depoimentos/testemunhos²² que cobrem um arco temporal desde os anos 1930 à actualidade.

Recorre-se então à traçagem de «mapas» – construções mentais elaboradas a partir do real cuja interpretação e reelaboração objectivam; através das trocas interpessoais, em

¹⁹ Esta metodologia foi por nós já posta em prática em LAGE, Maria Otilia Pereira – *Wolfram=Volfrâmio: Terra revolvida memória revolta. Para uma análise transversal da sociedade portuguesa (1930-1960)*. Guimarães: UM-CIS/NEPS, 2002. Rubrica 2.3., p. 172-278.

²⁰ CATROGA, Fernando – *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 15.

²¹ CATROGA, ob. cit., 2001: 16.

²² Doze entrevistas informais realizadas em 2010 e 2011 com antigos e actuais trabalhadores da Quinta sobre a história desta que muitos deles testemunharam durante uma vida inteira.

especial da fala, opera-se a sua construção sujeita à influência das relações sociais e da realidade material social e imaginária sobre a qual também interfere²³.

Procede-se assim à (re)construção de algumas dessas narrativas de um tempo e de um espaço determinado, (re)lidas com um olhar distanciado e crítico, capaz de tecer algo mais do que apenas a história dos indivíduos, e de entendê-los em suas inter-relações complexas.

Começamos por uma narrativa referente ao conjunto das quintas na linha de fronteira entre a sub-região do Alto Corgo e do Douro Superior, onde a Quinta dos Canais se localiza em que se descreve o «modus vivendi» e «modus operandi» na Quinta²⁴.

MAPA I – OS CANAIS, QUINTA DOS INGLESES, 1970-1980. (O COBRADOR DA LUZ ELÉCTRICA)

Faz-se aqui uma contextualização impressiva da Quinta dos Canais e evidencia-se a tradicional e regular mobilidade de mão de obra entre as diferentes sub-regiões da RDD, em que se observa a movimentação de pessoal agrícola especializado das terras do Baixo Corgo, de integração mais antiga na RDD, para as quintas de Cima Corgo e Douro Superior. Este mapa, traçado a partir de uma narrativa de visão exterior da quinta, assinala ainda as motivações específicas da opção pelo trabalho na quinta, por aí se acentuando também a natureza de *objecto de fronteira* da quinta.

... as quintas dão a volta ao termo do concelho de Carrazeda do lado do Douro... o consumo da luz era grande mais quando faziam a lota do vinho e do azeite... tinham no meio da quinta, no regato, no vale, um lugar de azeite... ali era quase tudo olival... o consumo da luz nos Canais era maior do que o da Franqueira (quinta Bartol, ao lado)... para as vindimas, o pessoal ia lá ter, em rancho, tudo a pé pelos caminhos e carreiros... levavam de casa uma tigela de litro que era para a sopa de feijão bichoso... às vezes, ao meio dia davam 2 sardinhas a cada um que assavam nas pedras de lousa, com aquele calor para cima de 40º... o pessoal dormia lá nas tarimbas numas faixas de palha... encostados uns aos outros... com o 25 de Abril tiveram de modificar parte das coisas... os cardanhos tinham as tarimbas á face do chão... uns 50 cm distante do chão... eram umas tábuas... nesses cardanhos eram candeias a azeite que tinham... e de petróleo... a electricidade era só para a casa dos patrões e do caseiro... nas vindimas estavam lá 15 a 20 dias... sem virem a casa... às vezes na azeitona era 1 mês... faziam uma fogueira no cardanho onde enxugavam a roupa...

... o trabalho por aí, era só cavar e assim, mas só um dia por outro, e sem terem nada de comer em casa... nas quintas, não, trabalhavam seguido e ainda lhes davam de comer e dormir... ganhavam 5 ou 6 escudos por dia... só de 1980 em diante é que passou para 12 escudos e tinham de trabalhar de sol a sol... na frieira ganhavam 10 escudos a cavar todo o dia e sem comida. ... das quintas, traziam aqueles 100 ou 200 escudos que naquela altura era muito dinheiro...

²³ MOYSES, 1994, cit. em SEEMANN, Jörn – *Metáforas espaciais na geografia: cartografias, mapas e mapeamentos*. «Anais do X Congresso de Geógrafos da América Latina». Universidade de S. Paulo, 2005. Disponível em <<http://observatoriogeográfico.americallatina.org.mx/egal10/teoriaemethodo/conceptuales/37.pdf>>. [Consulta realizada em 6 de Março 2011].

²⁴ Entrevista feita em Agosto, 2010, a Sr. M., funcionário da EDP reformado, com 78 anos e bom conhecedor das quintas do Douro do concelho de Carrazeda que visitou durante anos como contador e cobrador da luz eléctrica.

Nos mapas seguintes, cronologicamente ordenados, materializam-se recordações e memórias individuais internas à quinta, sucessivas ou justapostas no tempo, que permitem cartografar representações sociais multifacetadas da Quinta dos Canais numa linha diacrónica, e registar indícios e traços de uma memória histórica e identidade cultural que embebem todas as narrativas.

MAPA II – A QUINTA DO COSTA, 1930. (A AJUDANTE NA COZINHA DO PESSOAL...)

Os fragmentos desta outra narrativa²⁵ bem ilustrativa do trabalho das mulheres e das crianças na quinta mas também da cultura e ambiência popular local, são expressão nítida de experiências e protagonismos, mundividências e solidariedades femininas, de comportamentos populares e trabalhos agrícolas, para além de uma descrição pormenorizada, profundamente afectiva e com densidade vivencial do ambiente do dia-a-dia na quinta que assim se torna bem perceptível enquanto microcosmos natural, social e cultural fechado sobre as suas dinâmicas, funcionalidades e idiossincrasias internas.

Fui para lá para a quinta do Costa... era assim que chamávamos aos Canais... com 12 anos, a arrastar potes de um almude... 25 litros... o pessoal que lá trabalhava na altura era muito...

... as mulheres ganhavam 2.50 escudos ao dia e 3.00/4.00 escudos, o homem...

... nunca fui à escola... fui para a cozinha... a governanta era a Joaquina, da Beira Grande que era muito má... morreu na miséria... foi amante do Costa... o patrão que a enganou com 14 anos... por isso ninguém lá parava... aquilo que se fazia na cozinha do pessoal eram as viandas [comida dos porcos]... batatas com casca e tudo... um dia estavam lá umas tigelas com batata miudinha para o pote e eu deitei-as na canastra... ela disse-me: agora vais lá apanhá-las e deitá-las no pote... então fugi-lhe... um dia peguei o fogo à casa, mas sem querer, porque punha muita lenha e o fogo foi à trave e pegou-se... o Costa disse-me: vai depressa cá chamar o Bernardo, que era na altura o feitor... era de Vila Marim... que venha apagar o fogo... encheu um caldeiro de água e apagou-o logo...

... o Costa falava com todos... era de Custóias do Douro... foi para o Brasil onde casou com a viúva de um embaixador que lhe deu o ser... veio para cá e comprou a Quinta dos Canais junto à quinta da espanhola... depois é que comprou a quinta da Samorinha, as Forneiras e o Carvalho... o antigo dono que vendeu ao Costa acho que era um tal Valente...

... ele vivia na quinta e enganou essa Joaquina que era filha dos caseiros da quinta do Mariz, dos Marizes de Marzagão... esta quinta foi comprada pelo Costa aí por 1935/36.

... andei lá a trabalhar bastante tempo... o pessoal comia uma tigela de caldo de manhã e ao meio dia, feijão cozido, massa de feijão... o pão era à nossa conta... quando íamos para a quinta, levávamos a colher para comer... só davam água-pé... era o tempo da miséria...

... estávamos lá toda a semana e aos sábados à noite, já com as estrelas vínhamos a casa... á segunda tínhamos de lá estar ao romper do dia...

²⁵ Entrevista feita em Abril de 2011, na sua casa, a C. D., mulher de 88 anos, natural da Lavandeira onde reside e que viveu muitos anos em Lisboa e Angola.

... depois fui para a corte dos animais... e andava no campo a tirar vides, a apanhar as amêndoas, a azeitona, na vindima... amanhávamos a lenha das amendoeiras e das oliveiras... cartava lá muita urtiga...

... era uma quinta que dava muito trabalho... andávamos meses à azeitona e a vindima também era mais de um mês... era a maior que havia por aí... era em Setembro, depois da festa da Lavandeira de 15 para 16... depois de recolher a Santa Eufémia, íamos lá dormir...

... andávamos muitas mulheres... cartavam as uvas para o lagar... não entravam dentro... no lagar tocavam harmónio quando outros pisavam... «Ó morena cor de cana/Teu amor é o que me engana/És do meu gosto, és da minha opinião/ Hei-de amar a moreninha, da raiz do coração (...)

... eram os homens que cantavam assim quando as moças entravam com os cestos das uvas... enversavam aquilo de muitas maneiras...

... iam para lá de outras quintas dançar porque tinham lá as namoradas...

... Também vinham para ali trabalhar aquelas raparigas de Custóias e Foz Côa... Olas é da freguesia de Vale da Figueira... Carrazeda é fronteira... ali na Quinta pega com três distritos... Guarda, Viseu e Bragança... ia muita gente do concelho de Carrazeda, mas só na azeitona e na vindima... os Canais são a 3ª maior quinta do Douro...

... essa história do incêndio na quinta... o Costa combinou com o guarda e pegaram o fogo para enganar o seguro... foram presos para Moncorvo... nessa altura havia mais oliveiras... agora já não há lá nenhuma... havia laranjas, figos, amêndoas...

... diziam que o Costa era maçónico... nessa altura, a capela no Mariz funcionava... mas ele mandou deitar os santos ao rio... dizia que os santos eram de pau... a embaixadora era brasileira e ele dava-lhe maus tratos e desprezava-a... um dia deixou-a fechada... o pessoal tirou-a pela janela com uns lençóis e ela atravessou o Douro e desapareceu... o Costa era político e tinha inimigos... um dia veio uma porção deles dalém do rio para o matar... a quinta ainda era o que valia à pobreza, por aqui...

Nesta entrevista de evidente significado para a história da Quinta e preservação de elementos de património cultural imaterial local, acentua-se a natureza de fronteira da Quinta face à sua localização geográfica, o que confirma o nosso argumento sobre identidades e territorialidade, historicamente produzidas.

MAPA III – OS CANAIS NOS ANOS 1940-1980. (O CASEIRO)

Relativamente às condições salariais, alimentares, situações de trabalho, lazer e vida social na quinta é bem ilustrativo o testemunho do antigo *caseiro* que a vivenciou directamente durante meio século, desde o início da década de 1940 até ao final da década de 1980, primeiro como *despenseiro*, depois como *feitor*, a seguir como *caseiro* e *administrador*:

... os salários variavam de mês para mês e de ano para ano... houve tempos que era de sol a sol... 8 escudos por dia os homens, 4 escudos por dia as mulheres... 20 escudos por dia era na azeitona em 1959... o que já era uma admiração... e depois passou a ser também na vindima... a azeitona era mais cara porque era a seco...

... havia 3 refeições: o pequeno almoço, às 8/9 h, o almoço ao meio dia e o jantar quando o sol se punha... de manhã era sopa de feijão, arroz e massa, ao almoço, sopa e apresigo e à noite sopa e apresigo... o apresigo era arroz, feijão, massa e batata... nas vindimas havia uma sardinha de barrica ao meio dia ou à noite e à meia noite, no lagar...

o vinho ia todo para Gaia e depois para Inglaterra... ultimamente também já ia muito para França... nos armazéns só havia pipas e tonéis... cubas não.

... só mais recentemente é que começaram a trabalhar até às 2 horas e iam com o dia ganho porque madrugavam... já depois do 25 de Abril...

... havia desentendimentos entre os empregados... havia muitos ciúmes e invejas... a quinta tinha um guarda que era severo e meteu-se-lhe na cabeça que havia de ficar de caseiro e então corria com todos... era das redondezas do Pinhão... esse guarda intrigava junto do engenheiro... estava lá um feitor já do tempo do Costa que se virou a ele «quem vem dar aqui os dias santos sou eu»...

... caseiro é uma profissão boa mas muito invejada...

... os melhores momentos que guardo da quinta são os bailaricos... ia gente de outras quintas perto para lá dançar... tocavam muito realejo...

... a quinta tinha dois barcos, um para o pessoal e outro para os animais... havia 2 machos de trabalho, 2 juntas de bois, 2 cavalos de regalo, 1 para o patrão e outro para a patroa...

... quando havia muito pessoal, fazia de feitor... tomar conta do pessoal, dizer o que se havia de fazer... o rogador era o que fazia de feitor junto do pessoal e relacionava-se bem com o feitor da quinta... ia vigiar o trabalho do pessoal... quando não trabalhavam eram castigados com multas... como quando fossem apanhar fruta... se fosse apanhado a pegar um figo pagava 10 escudos... se calhar não ganhava isso por dia... e se fosse apanhado a pegar outra fruta a multa era mais cara... as multas e o valor delas era por hábito, costume...

... dos Canais vendiam tudo para os armazéns do Porto... mandavam os bidões do Porto e enchiam-se na quinta de azeite... mandavam os cascos de Gaia para a Quinta onde se enchiam de vinho e iam depois no comboio... a aguardente vínica para fazer o Vinho do Porto vinha da empresa de Gaia para a Quinta... a aguardente e figos secos ao mata bicho era só para os empregados, os feitores... na quinta havia 2 feitores, um para os homens e outro para as mulheres...

MAPA IV – A QUINTA DO ENGENHEIRO, 1940/1950. (O HOMEM DE TODO O TRABALHO)

Este depoimento²⁶, típico de um ex-trabalhador filho de pequeno proprietário rural que, na Quinta, exerceu múltiplos trabalhos, é expressão da identidade cultural local do pessoal trabalhador das quintas durienses, e da ambiência geral da Quinta dos Canais em seu quotidiano de trabalho e lazer, mormente, nas décadas de 1940 e 1950, período em que o olival e produção do azeite se sobrepunham à cultura da vinha e produção vitivinícola. É ainda elucidativo das condições de trabalho infantil na quinta, das diferenciadas formas de

²⁶ Entrevista feita em Março de 2011, na Lavandeira ao Sr. A. S., 75 anos, em sua casa. Largos anos trabalhador permanente e sazonal da Quinta dos Canais, desde os 11 anos de idade este entrevistado, trabalhou vários anos em Moçambique, donde regressou em 1975, tendo depois trabalhado até se reformar como cantoneiro da Câmara Municipal de Carrzeda de Ansiães.

pagamento, das mobilidades geográficas e sociais, das modalidades e áreas geográficas de recrutamento do pessoal rural, «as ranchadas» que a quinta ocupava nos diversos trabalhos igualmente descritos com os meios de seu desempenho e controlo.

... Fui para lá... para nós era a quinta do engenheiro... com 11 anos... trabalhava diariamente nos Invernos e Primavera até Abril/Maio. O Fausto era o despenseiro e o irmão, era o administrador que depois foi para uma empresa do Eng. Ramiro na Guiné ...

Há 30 ou 50 anos atrás todos os da Lavandeira lá trabalhavam.

... Como tínhamos uns bocadinhos, tirávamos uns dias para ir trabalhar para a quinta... quando íamos lá para baixo tínhamos de levar o pão, a colher e o garfo... tigela eles davam... de chapa ou zinco... o almoço, às 9 horas da manhã, era 1 tigela de sopa... batata, berças, feijão bichoso; o almoço ao meio dia eram 2 tigelas, 1 de sopa e outra de aprezigo que era massa e migas, tudo solteiro... a única carne era o bicho dos feijões... O arroz vinha para a quinta em sacos de 100 kg e o feijão e as pessoas tiravam-no dos sacos e ia directo para os potes de ferro de 60 e 70 litros...

.... andava na frente do boi de paquete – esse foi o meu primeiro serviço. Os mais novinhos iam para ao pé das mulheres apanhar vides e ervas... andávamos à azeitona, mas isso quando já tinha 16 anos e ganhava ao preço de um homem, 25 tostões por jorna.

... Na azeitona eram 60 a 70 pessoas... 2 camaradas da azeitona... 10 ou 6, 15 ou 8 pessoas... e 2 juntas de bois... 2 ranchadas para a azeitona e outra na vindima... Nessa altura era mais azeitona... depois arrancaram o olival quase todo...

... De 1947, quando fui para a quinta, até aos 22 anos, em 1957/1958 ou mais, havia na quinta sempre trabalho diário... por aí à jeira era trabalho de biscates e não se arranjava dinheiro... então íamos até à quinta para comprarmos um saco de pão e às vezes até pedíamos abono... pagamento adiantado. As jeiras eram a 12... quando fui para lá os homens ganhavam 7 escudos e as mulheres era sempre metade... os do Seixo iam para a Quinta da Sr.^a da Ribeira... os da Beira Grande para a Quinta do Espanhol ou do Bartol,... às vezes trocávamos de quinta, mas era por causa das raparigas...

.... Na capela da Quinta quando fui para lá tinham um palheiro ao lado onde o pessoal na azeitona dormia... depois o Eng. mandou compor aquilo... também comprou a quinta do Carvalho onde estavam os Caralhetos de Besteiros e que era dos Carvalhos aqui da Lavandeira... venderam aos Canais os lugares da Forneira... mais modernamente, os ingleses compraram aos filhos do Moura, um ricoço daqui, a Quinta da Barreira que juntaram aos Canais... custou 30 ou 40 mil contos.

Quando lá trabalhava ainda pequeno nem podia erguer o cântaro do sulfato que caía por cima de mim... como paquete andava à frente dos machos, e a tigela era só meia... esperavam até ao fim para serem servidos... «deixa aqui que é para um homem»... ainda agora uso esta expressão... depois fui para ajudante da cozinha... levava as tigelas aos homens, ajudava a lavar a louça e fazia o que era preciso... hoje aquilo já mudou muito... fizeram obras, melhorias...

A partir dos 16 anos passei a receber como homem e fazia todo o trabalho.

Cumpri lá o meu serviço militar e a caneta com que aprendi a escrever era a enxada... Muitas cantigas daqui lá cantávamos... «Nós somos da Beira Alta / Onde a broa não nos falta / Viemos para o Alto Douro / Enfiados em cantigas / O diabo das formigas / Roeram a pele ao couro (...)».

... vinham p'ra lá trabalhadores de Viseu... e de Vila Marim... a estes chamávamos «os foleiros», por causa da pronúncia... falavam axim... alguns casaram por cá... ou eram pedreiros ou hortelãos...

Nas quintas aprendia-se de tudo um pouco... no cardanho falavam alto, contavam anedotas e malandrices... era o que havia para nos distrairmos... primeiro as camas eram só palha, mas depois já havia tarimbas e umas camitas... quando era da azeitona dormiam mulheres a um lado e homens a outro... às vezes havia um casal ou dois primos que ficavam ao meio a separar...

... nos Canais era uma miséria... só pulgas... uma porcaria... às vezes os homens compravam metade de um trigo, partiam uma lasquinha e punham em cima do pão centeio, duro, a fazer de peguinho, como se fosse queijo ou outra coisa...

... nos Canais, andávamos do nascer do sol até as estrelas piscarem... a azeitona era a partir dos 10 de Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro e 2 ou 3 semanas de Mar... na azenha eram aqueles moinhos puxados com bois... a gente na frente dos bois descansava os braços nos cornos dos bois, a assobiar... um dia, o engenheiro veio a cavalo, ao pé de mim e disse zangado «com que então andas a dar senha aos outros que eu venho aqui?...»

... Todos os anos se faziam lá batidas de caça... iam muitos convidados... faziam fila os paquetes e os caçadores faziam batidas... a cria fugia para o lugar do Judas, ao fundo da quinta, ... havia muitas perdzices... ainda há...

...Tantos trabalhos que lá passei... mas era uma festa quando nos juntávamos a cantar e a contar aquelas façanhas...

MAPA V – OS CANAIS, 1960/1970.

(O AJUDANTE DE TRACTORISTA E BARQUEIRO)

Os fragmentos desta narrativa²⁷ ilustram saberes leigos e antigos trabalhos rurais exigidos pela cultura da vinha, e narram recordações, experiências individuais, ocupações e características da vida e do trabalho na Quinta e suas diferenças nas várias épocas.

Constitui, com o testemunho seguinte, um exemplo dos frequentes namoros e casamentos entre os trabalhadores da quinta como local de encontro e espaço de convivialidade relevado pelos actores sociais.

... Fui pedir trabalho ao Fausto que era o caseiro... estive entregue aos animais, à cria... eram 2 juntas, 4 bois, 2 machos e 1 burro... andava sempre no tractor com o Sebastião que ainda lá está... lá namorisei com esta... e lá casámos...

... trabalhei lá na quinta do engenheiro até ir para a tropa... andava com os animais, depois com os atomizadores... 2 ou 3 ao princípio... eram pulverizadores com um motor atrás para fazer ar... e é mais rápido... eram precisas 2 mulheres para acarretar água para eles... deitávamos primeiro o enxofre e depois o sulfato quando as videiras já tinham grãos de chumbo... quando lá trabalhei a quinta já tinha muito vinho... sulfatar era no princípio de Abril/Maio... era sempre 1 ou 2 homens, durante 1 mês ou mais... 2 ou 3 voltas... Também lavava os tonéis... nós não bebíamos o vinho... fazia-se água pé e era o que se dava ao pessoal... o Fausto às vezes ainda dava um copito de vinho aos lavradores quando andavam a lavar...

²⁷ Entrevista feita em Março de 2011, na Lavandeira ao Sr. I. A. L., 61 anos, trabalhador na quinta dos Canais durante alguns anos, onde casou com uma trabalhadora filha do pastor da quinta. Fez a guerra colonial em Angola e Moçambique, como comando, e emigrou com a família, para França onde esteve 36 anos e foi dirigente de uma Associação Cultural Portuguesa, perto de Estrasburgo.

*... sabe porque é que há tantas roseiras no meio dos bardos?... é que as roseiras apanham mais depressa o mildio... quando víamos que a roseira estava a ser atacada era sinal que se tinha de tratar a vinha... o sulfato é para o mildio e o enxofre para a farinhota ou oídio...
... o barqueiro ia todos os dias...*

MAPA VI – Os CANAIS, 1960/1970. (A PASTORA)

A narrativa feminina de que se extraíram os excertos que se seguem²⁸ indicia vários aspectos de demografia e história das populações pouco referenciados na história das quintas durienses: práticas frequentes de nupcialidade entre trabalhadores, exemplos da vaga migratória portuguesa clandestina para a Europa nos anos 1960 e da guerra colonial em África, factores decisivos de transformação da oferta de mão de obra local disponível para os trabalhos da quinta. São de realçar os materiais de memória viva do pastoreio na Quinta, actividade pouco frequente nas clássicas quintas durienses, e a descrição dos trabalhos agrícolas em que se ocupavam as mulheres, com salários idênticos aos das crianças, «os paquetes», inferiores aos dos homens.

Fui para os Canais com 15 anos... o meu pai sempre foi pastor e tinha gado... éramos da Lavandeira... e então o Fausto propôs-lhe ir para lá, a meias... tínhamos casa, terrenos e eu andava lá à jeira e quando era preciso separar os cordeiros das mães eu ia ajudar o meu pai... andávamos com os rebanhos na quinta toda... metiam-se nas vinhas quando já não havia uvas... comiam as ervas ... tirávamos o leite... o curral ficava no Mariz, perto da capela... os animais também serviam, para estrumar... o rebanho tinha para aí 150 ou mais cabeças... vendiam-se todos os que nasciam... afastávamos as ovelhas das crias, um mês e meio, para tirar o leite e vender... «redolhos» eram os do tarde... e havia os do cedo... o leite ia todo para a quinta... a Sr.^a Maximina, mulher do Fausto, é que o media... fazia queijo e vendia para fora... ordenhava de manhã e à noite... andei nos Canais dos 15 aos 18 anos... lá o conheci (indica o marido, Sr. I.) namorámos e casámos em 6 meses

... na quinta... fazia tudo... apanhava as vides na altura da poda... apanhava e britava amêndoa... acarretava o sulfato... apanhava as azedas das paredes para fazer salada...

... aqui o I. com o Sr. S. que ainda está lá na... iam no jipe que já tinha os travões fracos prendiam-lhe uma corda... no atrelado transportavam as uvas nos cestos vindimos... para os carregar os homens usavam a trouxa, uma correia que prendia na testa com uma espécie de lona e nas costas tinha uma espécie de lona com palha... era um traveseiro comprido que parecia uma almofada...

... o Fausto dizia às mulheres...: «ó besta quadrada»... quando britavam amêndoas para comer...

... trabalhávamos nos Canais às vezes 30, 40, 50 e mais... na vindima era mais gente... iam muitos daqui da Lavandeira... e de Baião, Mesão Frio, Vila Marim... talvez porque eram mais sofisticados para essas podas... a «descava» era tudo à enxada... a videira estava desenterrada... a «redra» fazia-se para enxertar... para cortar as raízes na moquilha... onde é o enxerto... para cima

²⁸ Entrevista feita em Março de 2011, a D. M. J., esposa de I., anterior entrevistado, em sua casa, na Lavandeira.

é o manso... para baixo a moquinha... a «redra» fazia crescer a vinha... quantas mais redras mais a uva cresce... o pó da terra é tipo enxofre... lavrava-se ao toro para tapar a descava... fazia-se em Fevereiro, Março... a redra era em Junho, Julho... hoje estas operações já não se fazem porque não há mão-de-obra... hoje usam-se os herbicidas... só podem ser postos junto aos toros das videiras e no meio para o tractor passar com as alfaias (ganchos...)... hoje fazem a redra os tractores... agricultura integrada... hoje também as enxertias ficam mais no ar e já se fazem pouco... compram as vides enxertadas... as vides botam as folhas para baixo por causa da filoxera...

MAPA VII – A QUINTA DOS CANAIS, 1970. (O PAQUETE)

O testemunho²⁹ que compõe este último mapa, alusivo ao trabalho infantil, narra «uma aventura na Quinta dos Canais» de um «paquete», moço que andava à frente dos animais, mondava as ervas na vinha e levava à cabeça, a comida ao pessoal, na faina agrícola.

Representa uma iniciação à idade adulta e mundo do trabalho das crianças que só depois faziam todo o trabalho de um homem:

... para os miúdos... a Quinta dos Canais era uma aventura... havia lá laranjas, via-se passar o comboio, havia baile, andavam rapazes e raparigas... na altura da Páscoa fui e estive lá 3 semanas... tinha 11 anos...

... nesse tempo os paquetes como eu era ganhavam 10\$00 ao dia, que era o mesmo preço das mulheres... os homens ganhavam 15 e 20\$00... nos dias que lá andei ganhei 220\$00...

... quando vim de lá tive de ir ao médico... vinha quase tísico... as comidas eram fracas... e o calor muito... depois das 10h já ninguém aguentava... o que lá ganhei foi todo para o doutor e xaropes na farmácia...

Em síntese, todas estas vozes, como muitas outras de que são exemplo, confluem, em seu dialogismo, na construção de uma memória social incontornável para um conhecimento mais «por dentro» e profundo desta singular Quinta representativa do Alto Douro Vinhateiro.

3. ANÁLISE NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Do ponto de vista da abordagem cartográfica, o preceito comum ...de seguir os actores, implica não só localizar a escala em que estes constroem e representam os fenómenos relevantes para a sua actividade, mas também o modo como reduzem as outras escalas a objectos à mesma escala, manipuláveis, recombináveis e transformáveis³⁰.

²⁹ Entrevista feita em Abril de 2011, na Lavandeira, a R., Presidente da Junta de Freguesia, reformado como agente da Guarda Nacional Republicana, em Lisboa, 54 anos, a residir na Lavandeira, sua terra natal e meu informante privilegiado junto das populações da sua aldeia que trabalharam nos Canais, muitos ainda por entrevistar.

³⁰ Nunes, João Arriscado – *Escala, heterogeneidade e representação...* «Revista Crítica das Ciências Sociais». 46 (1996), p. 28.

A abordagem cartográfica que se veio fazendo e aqui se analisa, mais especificamente, permite e exige uma leitura não linear do exposto nos pontos anteriores, o que se fará segundo dois vectores, ambos reportados à quinta e às memórias da sua história que, simultaneamente, as iluminam e a seu propósito se constroem.

Num primeiro nível da análise, verifica-se que a complexidade e densidade do estudo das memórias, dos processos sociais, das identidades, motivações, escolhas e estratégias não exclusivamente económicas e políticas dos agentes sociais, concorre para desocultar actores sociais que têm permanecido na obscuridade e que são tão ou mais esclarecedores que os grandes e afamados proprietários. As suas memórias individuais, não isoladas e com referência frequente a pontos externos ao sujeito, tendo na quinta a matriz referencial estruturante, encontram-se relacionadas, em seu suporte, às percepções produzidas pela memória colectiva e pela memória histórica.

Pode intuir-se que a quinta tem segregado as suas elites e categorias de trabalhadores (mapa IV) cujas trajectórias, identidades, representações e comportamentos sociais importa estudar em todas as suas singularidades e diversidade.

No que respeita às populações anónimas em observação, as suas experiências, trajectórias e histórias de vida e de trabalho tornam-se, pelo seu registo e interpretação, fontes de história rural contemporânea e estratos de um património (i)material e cultural a preservar, já que neles se ancora uma importante dimensão de história oral desta quinta duriense.

Ressalta a importância decisiva que essas vivências e trabalho desde cedo em relação estreita com a quinta têm na formação identitária de todos os actores sociais, apreensível nas suas memórias e narrativas (mapas I a VII), do mesmo passo que é da memória social e colectiva desse trabalho relevante para a identidade de cada um, que se pode construir parte significativa da nossa compreensão da própria quinta enquanto entidade económica e social nuclear no tecido sócio-histórico do Alto Douro Vinhateiro.

Decorre daí o segundo vector de análise que, focalizado agora na própria quinta, possibilita em primeiro lugar dar conta de como se opera a sua reconstituição social e histórica através de memórias individuais e sociais, identidades conjunturais e representações sociais referentes a seus diversos espaços-tempos. A percepção dessa espaciotemporalidade que evidencia a dinâmica caleidoscópica da Quinta dos Canais, característica marcante desta, é-nos dada pela leitura geral dos anteriores mapas simbólicos, os quais estabelecem as necessárias coordenadas para a sua identificação.

Prosseguindo com a aplicação da teoria mobilizada ao material empírico seleccionado e introduzido no conjunto de narrativas/recordações múltiplas e fragmentadas, surge-nos a possibilidade de observar a inscrição aí sempre presente da ideia de redes, fluxos e interações que nos permite a apreensão das continuidades e mutações, trajectórias biográficas, ambiências vivenciais, estratégias de sobrevivência, condições e relações de trabalho (mapa III) que caracterizam a quinta dos Canais, ao mesmo tempo que documentam e ilustram aspectos marcantes da sua história social, em larga medida representativa das quintas durienses.

Podemos ainda compreender como a quinta, enquanto exploração em meio rural, é um microcosmo socioeconómico e cultural de ancoragem de uma pluralidade de tradições e oportunidades (mapa II), tensões e solidariedades, interesses conflitantes e opções polémicas de exploração olival/vinha, e perceber como com os seus processos de *viticultura*, parte activa da agricultura rural local, estreitamente interligados aos processos de *vitivinicultura* típicos de uma exploração comercial multi-escalar (regional-nacional-global) ela se configura enquanto unidade empresarial capitalista.

Mais difícil de apreender do que as simples estruturas de propriedade, conhecidas através de sucessivos cadastros, mas cujos indícios vimos emergir nalguns dos anteriores mapas de memórias e representações sociais (mapa IV), o processo histórico e social desta estrutura de exploração agro-comercial, cujo estudo assim se viabiliza, é essencial ao entendimento da sociedade e economia rural em que se integra, embora como unidade à parte. Permite ainda observar as mudanças sociais que foram ocorrendo no seu interior e na comunidade local, indiciadas nas narrativas das trajectórias individuais e familiares das populações entretecidas nas memórias dos actores sociais entrevistados.

A realidade de exploração rural da quinta marcada pela adaptação às variações do mercado, está ligada a opções proto-industriais da região do Douro, mobilidades sociais e formas de pluri-actividade visível nas modalidades de trabalho e mobilidades sazonais, dimensão que igualmente se pode depreender, do presente estudo empírico e sua análise. Observe-se no entanto que, como se pode, igualmente, deduzir das narrativas dos trabalhadores da quinta, nas relações de trabalho que aí se estabelecem e, designadamente, no recrutamento, o princípio de grandeza é, de forma marcante, o da confiança, próprio de uma lógica doméstica, exercida de forma mediada através do caseiro, do feitor ou de quem permanece fixo ao seu serviço. Este aspecto é tanto mais de realçar quanto ao longo dos últimos anos a Quinta dos Canais tem vivido períodos de transformação tecnológica relevando da lógica industrial em que o princípio de grandeza é o da eficácia que se mantém a par do aprofundamento da lógica mercantil em que, por sua vez, o princípio é o da oportunidade.

Na verdade, algumas outras vertentes essenciais à construção da sócio-história da quinta se não podem porém tratar aqui o que limita a execução e o alcance desta análise preliminar e da investigação que lhe subjaz, que se encontra ainda em curso. Assim, por exemplo, a metodologia adoptada só cobra todo o seu alcance heurístico quando puder ser feita a articulação dos mapas das representações sociais de grande escala como os atrás apresentados, com os de pequena e média escala que possibilitem dar conta, quer das análises ampelográficas (apenas indirecta e localmente referenciadas pelo caseiro actual dos Canais, ao salientar a mais recente plantação dos milheiros e as enxertias de castas novas), quer da observação dos indicadores de controlo de qualidade do produto. Só então se tornará possível tirar outro rendimento do dispositivo analítico adoptado.

Por outro lado, numa abordagem por produtos e mercados, poderá ver-se como a inserção da quinta no mercado abre fileiras que podem induzir desenvolvimento, reconversões e especializações regionais e locais de produtos e culturas tradicionais. Ao

nível dos «produtos», mesmo sendo a especialização quase total, permitirá o estudo de parcerias com empresas, instituições reguladoras da produção e comércio do Vinho do Porto e outras entidades ligadas ao sector vitivinícola do Douro.

Em matéria de modernização técnica, tecnológica e inovações, várias interrogações continuam a carecer de resposta. Quais os dispositivos de modernidade técnica e agrícola do desenvolvimento da quinta? Em que consiste a modernização agrícola agida pela quinta, também recordada nas narrativas (mapa VI), ao nível técnico – mecanização, novos métodos de plantação e preparação de cepas...? Há, para além dos indícios detectáveis em alguns dos mapas traçados outras formas (e quais) de in(ter)comunicabilidade entre a quinta, outras quintas, comunidades rurais envolventes e entidades ligadas ao sector da exportação e de formação? Como se equilibram e equilibraram as lógicas económica, social e cultural próprias desta e de outras quintas durienses?

Ora, se os materiais de memória aqui analisados não permitem responder a estas questões importantes para o estudo sócio-histórico da Quinta dos Canais que, em última instância, nos propomos, podem no entanto ajudar ainda a estabelecer uma relação entre o que é lembrado e/ou esquecido na inteligibilidade do passado histórico.

Trata-se, em suma, de toda uma história social que é preciso continuar a fazer sobre as quintas do Douro, para o que concorre o seu conhecimento social denso que as narrativas e memórias do trabalho permitem apreender.

CONCLUSÃO

Nesta abordagem destacamos conteúdos do espaço-tempo, registados no mundo material ou vividos, transmitidos e reinterpretados pelos próprios actores sociais, agentes de uma história vivida³¹.

Trabalharam-se elementos constitutivos materiais e simbolicamente de memórias e identidades, em torno da Quinta dos Canais em seu contexto local/regional e conjunturas históricas. Evidenciaram-se os elos de ligação entre memórias, materiais de memória e identidades por referência às condições de vida e de trabalho nesta paradigmática quinta duriense, ao longo do século XX. Mobilizaram-se «metodologias do tempo presente», potenciadoras da dinâmica do conhecimento da memória individual – social e da experiência vivida e discursiva da identidade individual, local, regional e colectiva.

A conjugação pluridisciplinar de métodos possibilitou a reconstrução reflexiva do acontecimento histórico e a «reposição» de elementos indiciários e des(re)construtivos de eventos em sua possibilidade de re-escrita susceptível de conferir inteligibilidades mais vivas do passado.

No tópico da(s) memória(s) e identidade(s), noções de filiação simbólica, não estáticas nem essencialistas, mas efeito de intersecções históricas e relações sociais estratégicas, constantemente (re)negociadas, nos discursos e narrativas de autodefinição que as

³¹ Esta noção de história vivida (Pomian) encontra-se explicitada para o Douro Vinhateiro em LAGE, Maria Otília Pereira; LAGE, Jorge – *SABER SEVER: Geios de escrita e história (St.º Adrião de Sever, 1950-1960)*. Porto: GEHVID-FLUP, 2005.

produzem, ao dizê-las, ensaiámos aproximações complexas que no âmbito específico da análise histórica e sociológica, nos impuseram precauções para evitar os efeitos enviesados de concepções simplistas.

A análise sócio-histórica feita teve em atenção que o que se incrusta na memória não são os acontecimentos mas a sua representação complexa e ambivalente, do que e da forma como *aconteceu*. A memória e a identidade são representações da realidade resultantes de elaborações subjectivas, mantendo entre si relações próximas mas não se equivalendo nunca. Dessas relações faz parte, por exemplo, a forma como a história é interpretada e apropriada pela memória – produção retroactiva.



Imagem 1 – Panorâmica da encosta do Douro de localização da Quinta. Fotografia de João Silva.



Imagem 2 – Fachada principal da capela da Quinta. Fotografia de João Silva.



Imagem 3 – Casa principal da Quinta. Fotografia de João Silva.

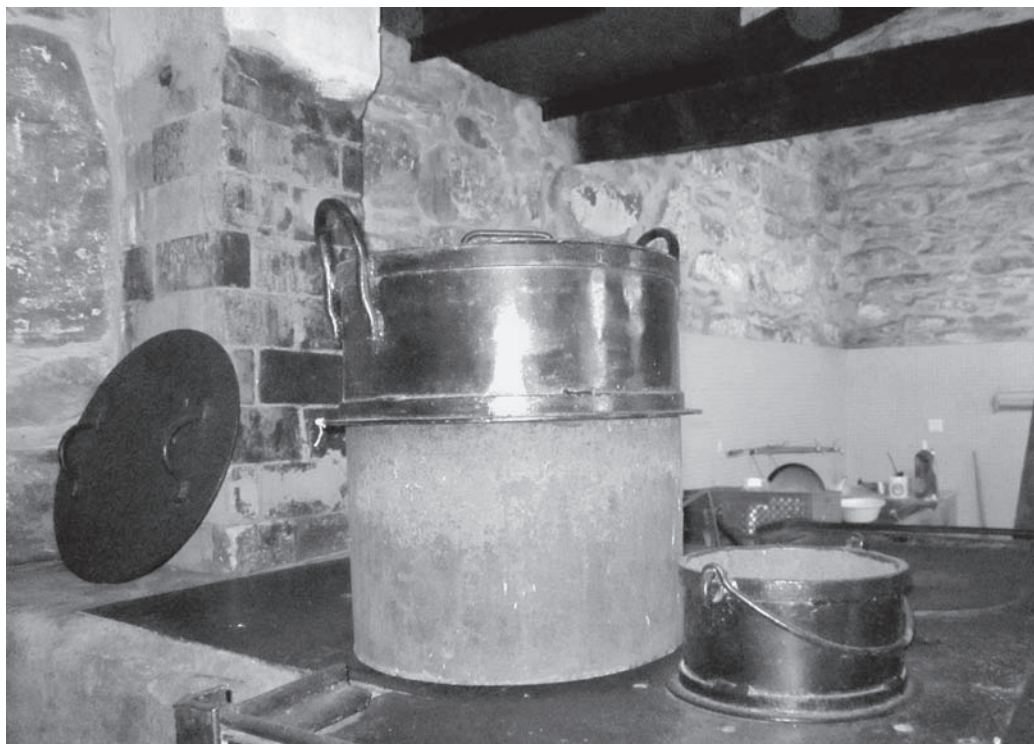


Imagem 4 – Cozinha do pessoal. Panelas antigas. Fotografia de João Silva.



Imagem 5 – Antiga salgadeira. Fotografia de João Silva.



Imagem 6 – Cardenho dos homens. Fotografia de João Silva.

BIBLIOGRAFIA

- CATROGA, Fernando (2001) – *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto.
- CLIFFORD, James (1988) – *The Predicament of Culture. Twentieth Century Ethnography, Literature and Art*. Cambridge: Harvard University Press.
- CRUZEIRO, Maria Manuela – «Pela História Oral» *Passado/Presente: a construção da memória no período contemporâneo*. Disponível em <<http://ppresente.wordpress.com/textos/pela-historia-oral/>>. [Consulta realizada em 8 de Abril de 2011].
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (2002) – *Usos e Abusos da História Oral*. Rio Janeiro: FGV.
- GILLIS, John (1994) – *Memory and identity: the history of a relationship*. «Commemorations. The Politics of National Identity». New Jersey: Princeton University Press.
- HALBWACHS, Maurice (1994) – *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel.
- LAGE, Maria Otilia Pereira Lage (2011) – *A Quinta dos Canais, na Região Demarcada do Douro*. Comunicação ao I Encontro RuralRePort. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, 6 e 7 de Maio 2011.
- (2010) – *A Quinta dos Canais, no Douro Património Mundial*. Comunicação ao I Encontro do CITCEM. Guimarães, CITCEM/UM.
- (2009) – *De vinho fino a 'Port Wine'... Representações e identidades conjunturais, na Primeira República*. Comunicação ao XXIX Encontro da APHES - Associação Portuguesa de História Económica e Social. Porto, FLUP.

- (2005) LAGE, Jorge – ‘SABER SEVER’: *Geios de escrita e história (St.º Adrião de Sever, 1950-1960)*. Actas do II Encontro Internacional da História do Vinho e da Vinha. Porto: GEHVID-FLUP.
- (2002) – *Wolfram=Volfrâmio: Terra revolvida, memória revolta. Para uma análise transversal da sociedade portuguesa (1930-1960)*. Guimarães: UM-CIS/NEPS.
- MONTEIRO, Manuel (1911) – *O Douro: principais quintas, navegação, culturas, paisagens e costumes*. Porto: Emílio Biel & C.ª, E.
- NORA, Pierre (1984) – *Les lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard.
- NUNES, João Arriscado (1993) – *Erving Goffman. A Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana*. «Revista Crítica das Ciências Sociais», 37, p. 22-49.
- (1996) – *Escala, heterogeneidade e representação...* «Revista Crítica das Ciências Sociais», 46, p. 9-46.
- PARKHURST, Shawn (2004) – *Identidade e contextos de identificação regional na zona do Vinho do Porto*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, CES.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (2006) – *Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do pasado*. «Nuevo Mundo Mundos Nuevos». Debates. [On line]. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/1499>>. [Consulta realizada em 8 de Abril de 2011].
- PEREIRA, Gaspar Martins (1989) – *A produção de um espaço regional: o Alto Douro no tempo da filoxera*. «Revista da Faculdade de Letras – História», II série, vol. VI. Porto: FLUP, p. 311-353.
- (2002) – *Quintas do Douro – Arquivos e Investigação Histórica*. Régua.
- , coord. (2010) – *História do Douro e do Vinho do Porto: Crise e Reconstrução. O Douro e o Vinho do Porto no século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, vol. IV.
- RICOEUR, Paul (2000) – *La Mémoire, l’Histoire, l’Oubli*. Paris: Éditions du Seuil.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1988) – *Uma cartografia simbólica das representações sociais...* «Revista Crítica das Ciências Sociais», 24, p. 193-172.
- SEEMANN, Jörn (2005) – *Metáforas espaciais na geografia: cartografias, mapas e mapeamentos*. «Anais do X Congresso de Geógrafos da América Latina». Universidade de S. Paulo. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/teoriaemeto/conceptuales/37.pdf>>. [Consulta realizada em 6 de Março de 2011].